



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://econtents.bc.unicamp.br/omp/index.php/ebooks/catalog/book/139>

DOI: 10.20396/ISBN9786587198040

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2020 by UNICAMP/IFCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

O CARISMA INCIVILIZADO DE JAIR BOLSONARO: A POLÍTICA DO RESENTIMENTO NA PANDEMIA

Caio César Pedron¹

Nos últimos anos, o conceito de carisma foi retomado para interpretação dos novos movimentos de direita. Seu resgate do cânone sociológico de Max Weber (1864-1920) é feito, muitas vezes, de maneira fortuita, sem as considerações históricas e críticas para uma verdadeira reinterpretação do conceito construído para explicar o poder de magos, sacerdotes e dos profetas do antigo testamento. Este trabalho tem por objetivo discutir a releitura do carisma empreendida por Richard Sennett, relacionando-o à raiz original weberiana e empregando-o na análise da política do ressentimento de Jair Messias Bolsonaro em plena crise social proporcionada pela pandemia de COVID-19.

Prelúdio teórico: a inesperada virtude do carisma

Denominamos “carisma” uma qualidade pessoal considerada extra cotidiana (na origem, magicamente condicionada, no caso tanto dos profetas quanto dos sábios curandeiros ou jurídicos, chefes de caçadores e heróis de guerra) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extra cotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como “líder” (Weber, 1994, p. 158).

Essa é a descrição básica do conceito de carisma como esboçada em *Economia e Sociedade*, o compêndio de tipos ideais weberiano², e utilizada na

¹ Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas; Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas, orientado pelo professor Fabio Mascaro Querido. E-mail: caiopedron99@gmail.com

² O trabalho de Tenbruck é pioneiro em salientar essa relação entre os dois grandes projetos tardios de Max



crítica reconstrutiva do conceito operada por Sennett (2014). Para este, nem Weber e nem Freud tinham percebido o caráter trivializador do carisma – em termos weberianos, o caráter cotidiano – e isso fez com que ambos vissem o carisma como atitude da liderança em tempos de crise, contingencial, e que não se sustentava histórica ou estruturalmente³.

Isso se deu porque Weber e Freud procuraram explicar valores e crenças transcendentais por suas naturezas eminentemente seculares (interesses objetivos e ideais/traumas psíquicos subjetivos); e ambos eliminaram da raiz rotineira e racional da sociedade o carisma, pois pertenceram a uma geração burguesa que acreditou no caráter positivo da racionalidade em contraposição ao irracional, emocional e pessoal. Para Sennett a diferença básica entre os dois estava posta na ideia de que Freud acreditou que o líder carismático construía a ordem e Weber, por sua vez, acreditou no contrário, o líder destruía essa mesma ordem, piorava o caos, e só poderia garantir alguma estabilidade quando o seu poder fosse rotinizado, ou seja, quando o carisma fosse destruído em sua fonte pessoal (Sennett, 2014).

A morte do carisma pela rotinização (Sennett, 2014) é efeito natural da racionalização de um fenômeno extracotidiano, que vai adquirindo contornos tradicionais ou legais burocráticos conforme a orientação do seu desenvolvimento. O carisma pode ser “transmitido”: a) pela escolha da comunidade; b) designação do chefe; c) pela hereditariedade; d) por revelação de oráculo (pessoa competente); e) ou pela “ideia de que o carisma seja uma qualidade (originalmente mágica) que, por meios hierúrgicos de um portador dele, possa ser transmitida para outras pessoas ou produzida nestas: objetivação do carisma, particularmente carisma de cargo” (Weber, 1994, p. 163).

Weber. TENBRUCK, Friedrich H. “The Problem of Thematic Unity in the Works of Max Weber.” *The British Journal of Sociology*, vol. 31, no. 3, 1980, pp. 316–351.

³ Para Weber o carisma é um fenômeno histórico, pode ser tipificado, mas tem características circunscritas ao seu contexto de “aparição”. Para Freud o “carisma” é elemento estrutural de toda e qualquer sociedade humana, uma espécie de válvula de escape quando a ordem social está em perigo.

Vale a pena reconstruir o carisma do próprio Sennett em seu desenvolvimento histórico: para o autor, o carisma de Freud e Weber era irracional e efêmero, logo não poderia produzir qualquer tipo de atividade cotidiana, rotinizada, sem que perdesse o seu poder de mobilização; contra isso Sennett apresenta a sua leitura de carisma: ele seria um poder “trivializador” constituído para garantir que houvesse estabilidade social e, longe de ser contingente, precisaria operar continuamente para manter a sociedade coesa ao entorno de suas lideranças que guiariam-na. Aqui o exemplo comparado de Savonarola pode ser retomando: o pregador incendiava a multidão, fazia com que eles se sentissem culpados de suas iniquidades, mas esse sentimento de culpa provocava uma condução da vida renovada e permitia uma reação do público; enquanto que os discursos inflamados de uma Lamartine (Nixon, Wallace e McCarthy) provocavam o seu oposto, a neutralização narcotizante do espírito violento da massa. Enfim, ambos “trivializavam” a experiência política, mas o primeiro conduzia os homens à ação e os segundo à omissão.

Para Sennett, o carisma incivilizado do homem público é um bom exemplo da transformação perpetrada pela invasão da esfera da intimidade no espaço público, pois nos séculos XVI e XVII europeus havia se desenvolvido uma forte separação entre público e privado e, com ela, uma valorização das expressões públicas e de códigos de credibilidade que requeriam a suspensão da realidade imediata; com isso, entrava em cena um espírito que fortalecia a imaginação e a fantasia política. Havia certa homologia entre a rua – espaço dos demagogos políticos – e o teatro, onde se interpretava um papel com alguma transcendência fantasiosa daquilo que se representava.

Entre os séculos XVIII e, principalmente, no século XIX, haveria ocorrido uma mudança substancial nessa relação entre público e privado. O primeiro é estigmatizado como falso, inverídico, perigoso e, por isso, o binômio se torna antagônico ao invés de relacional. Pois a esfera privada deslindou para uma “cultura governada pela crença no imediato, no imanente, no empírico, rejeitando como hipotética, mística ou “pré-moderna” a crença naquilo que

não pode ser diretamente experimentado” (Sennett, 2014, p. 443). Na teoria de Sennett foi esse rompimento entre a ficção pública e a realidade privada que produziu o carisma moderno, incivilizado por ser extensão das relações e dos valores privados para o ambiente da experiência pública, assim sendo:

O carisma moderno é uma arma defensiva contra o julgamento impessoal do Estado que poderia levar a exigências de transformação. A defesa funciona por meio do poder de disfarce, projetando as motivações dos líderes; funções rotineiras comuns do Estado ficam, desse modo, mantidas [...] Quando os deuses estão mortos, o momento arquetípico da experiência carismática é o momento de votar em um político “atraente”, mesmo quando não se concorda com a sua política (Sennett, 2014, p. 442).

E os políticos aprenderam facilmente que não é aquilo que eles fazem, mas aquilo que sentem e que expressam ao entorno de uma cultura de sentimentos o que provoca maior atenção, interesse e desejo por parte dos eleitores. Essa nova forma de relação entre a esfera pública e privada evoca um novo tipo de liderança política e uma nova relação com o seu público: emerge como líder carismático o político do ressentimento que é antissistêmico e destrutivo, uma expressão acabada da pulsão de morte. O ressentimento que depreende dessa personalidade e é inculcado nas massas tem duas características básicas: a) é antiurbano, ou seja, é crítico das relações incestuosas, imorais e impessoais da cidade, portanto, em alguma medida, anticívico; b) é meritocrático, no sentido bem conhecido no Brasil, naquilo que tange ao uso do mérito como ferramenta de crítica às instituições sociais, ao Estado e as classes que seriam séquitos de prebendeiros, exploradores prontos a roubar os direitos do pagador de impostos, ou seja, a culpa pela inépcia pessoal é projetada em um bode expiatório.

Entretanto, uma questão se torna central na legitimação do líder que faz sua carreira através da política do ressentimento é: se esse político é bem sucedido em angariar o apoio da massa de ressentidos e é eleito por repetidas vezes com seus familiares e próximo, como poderia continuar mantendo a ficção de que é

um igual dentre os ressentidos? Só poderia ser através dos desvios de atenção que ele provoca em sua plateia direcionando-a para questões morais íntimas (ou de moral pública) e não para suas próprias ações (e omissões). Engana-se, porventura, aquele que vê no líder mero aproveitador, ele de fato acredita no seu discurso, a personalidade do líder que é cultivada pelos seus apoiadores e eleitores é uma ilusão compartilhada pelo político que acredita que é aquilo que vende ser.

Os novos meios de comunicação do século XX fortaleceram essa relação apática e narcotizante entre os eleitores e o político carismático. Se antes eram necessários grandes comícios, show pirotécnico e um verdadeiro ritual no espaço público – para assistir passivamente a um discurso de exposição da intimidade⁴ do líder –, agora, a televisão pode transmitir isso, o rádio também, garantindo que as pessoas experimentem as decisões políticas no conforto do próprio lar, assistindo ou ouvindo o líder enquanto passam um café ou entre o jornal e a novela das nove.

É neste contexto que se encaixa a última característica do carisma incivilizado do século XX, o sistema do estrelato. Para Sennett, por alguma razão, haveria uma homologia estrutural ou afinidade eletiva entre o palco e as ruas como nos tempos da ascensão do homem público. Mas, agora, este mecanismo estaria a serviço da produção de um superstar que acabaria detendo o monopólio do carisma, relegando um papel de coadjuvante para a grande maioria dos políticos e reduzindo o papel importante da seleção dos quadros políticos e da agenda partidária a escolha de um grande líder.

Este texto se insere em um esforço de compreensão da realidade política à luz da nova configuração social resultante da pandemia do novo coronavírus.

⁴ “O Triunfo da Vontade”, filme de Leni Riefenstahl, mostra esse ímpeto por exposições públicas ritualizadas, na cultivação de um senso quase primitivo e religioso da multidão para com o Führer. Este que representa diante do público os seus sentimentos, mas incontidos, se expressa de maneira tão verdadeira e, ao mesmo tempo, tão controlada e ritmada por uma técnica maligna. Hoje o líder não precisa de toda essa sofisticada exposição, pode gritar alguns palavrões para os jornalistas na frente do Alvorada, enquanto é aplaudido por um fragmento representante da “sua massa” presente no “cercadinho”.

A doença resultante do vírus Sars-Cov-2 deixou seu rastro de morte no mundo inteiro e alcançou o terrível número de 34 mil mortes – um morto por minuto⁵– em sua trajetória ascendente no Brasil. A situação limite a qual nos encontramos gabarita o exercício intelectual como certa dose de resistência⁶ diante da barbárie e do morticínio produzido pelo fenômeno extracotidiano; é uma tentativa de, nos marcos do pensamento sociológico, tentar capturar a realidade diante do caótico, insano e depravado momento de dor que milhares de pessoas experimentaram e continuam a experimentar em junho de 2020 no Brasil.

O objetivo principal, nas próximas páginas, é o de tentar adaptar a tese do carisma incivilizado de Richard Sennett (2014) à política da personalidade de Jair Messias Bolsonaro, apontando os limites e as possibilidades do uso reinterpretado de um conceito tradicional da sociologia. Para tanto, analisaremos o discurso e as ações do presidente diante da crise de saúde pública produzida pela pandemia, contrastando as reflexões teóricas do carisma incivilizado as expressões públicas de Bolsonaro. A escolha da crise política proporcionada pelo surgimento da pandemia fortalecerá a percepção tanto da forma como se pratica essa modalidade expressiva de autoridade quanto dos limites possíveis de legitimação pessoal do poder quando uma crise externa põe em xeque o jogo de cena da intimidade ressentida.

A intimidade tirânica do carisma incivilizado

A política do ressentimento serve como uma luva na personalidade autoritárias de Jair Bolsonaro e está presente tanto em seus discurso de

⁵ Coronavírus mata mais de uma pessoa por minuto no Brasil. Folha de São Paulo. São Paulo 05 jun. 2020. Capa. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/coronavirus-mata-mais-de-uma-pessoa-por-minuto-no-brasil.shtml>>. Acesso em 05/06/2020.

⁶ De modo algum quero dizer, com essas palavras, que o trabalho aqui exposto ambiciona o título de peça de resistência ao caos imposto pela inércia política do governo. Quero dizer, isso sim, que é uma resistência diante da dor provocada por essa pandemia; resistência do pensamento diante da insanidade da vida cotidiana expressa em cada minuto por mais um corpo em uma cova rasa. Enfrentar essa necropolítica do estado suicidário é, antes de tudo, um exercício de manutenção da sanidade em um contexto de isolamento social ininterrupto.

crítica antissistêmica “a tudo que está aí” quanto na sustentação de narrativas fantasiosas⁷ através da quais o presidente passa a ser um herói perseguido pelo establishment, como neste trecho: “Poderosos se levantaram contra mim e é uma realidade. É uma verdade. Eu estou lutando contra o sistema, contra o establishment. Coisas que aconteciam no Brasil praticamente não acontecem mais”. (Bolsonaro, 2020a, n.p).

O mérito ressentido da plateia era estimulado pelas invectivas do deputado do baixo clero contra os poderosos de Brasília, contra a esquerda – que se espalhava em um grande leque, do PSDB ao PT passando por alguns quadros do PMDB – e contra o poder judiciário, àquele que poderia ser fechado com apenas “um cabo e dois soldados”⁸. Também atacava os programas sociais de redistribuição de renda, assistência social e as políticas que atendiam minorias, para ele pobres e ricos oprimiam o pagador de impostos que se via achatado diante da onerosa carga tributária nacional. O discurso antiurbano, lado B da política do ressentimento, também está presente, mas agora com uma fachada renovada, colocando forte ênfase na violência urbana⁹ e na criminalidade da cidade que seria o grande problema do país.

O sistema do estrelato na era digital perdeu boa parte de suas características centrais, a internet segmentou aquele poder que antes estava concentrado na indústria cultural e reduziu a importância de telejornais e marqueteiros na

⁷ Aproveito a passagem para agradecer ao querido amigo Felipe Resende Simiqueli que fez a leitura deste texto e discorda amigavelmente da ideia de que o caráter antissistêmico de Bolsonaro é fantasioso. Talvez a teoria de Sennett tenha induzido minha interpretação a considerar esse aspecto antissistêmico como um devaneio de Bolsonaro, quando ele é, na verdade, um outsider mesmo que tolerado pela classe política que lhe ajudou a se eleger.

⁸ A frase de seu filho 02, o deputado Eduardo Bolsonaro, se assemelha por completo com aquela que foi proferida por Jânio Quadros e anotada na memória de Afonso Arinos de Mello Franco. Contudo, para Quadros, era o Congresso que poderia ser fechado pelos três militares de baixa patente e não o supremo, como na frase de Eduardo. Ver: FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Planalto: (memórias). Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1968.

⁹ Os programas de TV que procuram emular esse ódio ao crime e ao criminoso estão em praticamente todos os canais, encontrei inclusive em canais religiosos (pasmem!). Personagens como Datena, Sikêra Jr, Marcão do Povo, Dudu Camargo (uma mistura de Sílvio Santos e Datena), alegram as manhãs do “jornalismo” com um tipo de informação formatada para estimular os sentimentos de medo e ódio na população.

formação de uma campanha vitoriosa. Contra o líder analógico – porque projetado em uma era anterior à emergência da Internet – surge o influenciador digital, a “musa fitness” ou o famosinho do Instagram. Em uma “cultura de personalidade” descentralizada, os códigos de credibilidade são influenciados por novas métricas que avaliam as quantidades de curtidas, visualizações e comentários, tomados como formas de engajamento em uma publicação.

Em 2018, no Brasil, vivemos uma luta política singular: o líder carismático analógico, Luís Inácio Lula da Silva, enfrentou o seu adversário carismático virtual em um processo eleitoral polarizado e judicializado politicamente. A derrota daquele que recebeu a legitimidade “adquirida por designação” (Weber, 1994, p. 162) – vulgo poste – confirmou a queda da hegemonia do carisma pop analógico e o início de um outro carisma, que se fazia não mais pela união de todo o povo no corpo transferencial do líder (Ab’Sáber, 2011), mas sim pela seleção das parcelas que seriam consideradas “o povo” ao qual o presidente iria representar.

Aqui é preciso fazer um pequeno parêntese explicativo: se a cultura da personalidade e a política do ressentimento são ambos registros necessários do carisma moderno, o que diferencia o carisma incivilizado de Lula para o de Bolsonaro? A ideia do carisma pop de Ab’Sáber (2011) pode nos ajudar. O carisma de Lula era uma força de “trivialização”, sem dúvida, mas o desvio que provocava era um desvio de unificação das diferenças coletivas em seu “corpo transferencial”, o entorpecimento era produzido pela ideologia consumista que mantinham todos felizes e “cada um no seu quadrado”. O carisma bolsonarista surge na esteira da crise de legitimidade da promessa de “capitalismo para todos”, é a reafirmação da diferença em nome da igualdade, mas não a igualdade de todos, somente a daqueles que são considerados por ela a “maioria”. O seu carisma é, portanto, a negação do carisma pop lulista pela intensificação da sua incivilidade e pelo fortalecimento de uma “qualidade carismática” de estilo mais weberiano, assentado na segmentação e no fluxo explosivo de conteúdos das redes sociais.

O recente trabalho de Leticia Cesarino (2020) demonstra a importância da Internet para a campanha de Bolsonaro: diferente da televisão, as redes sociais e os aplicativos de comunicação produziram uma série de novas formas de engajamento político e de estímulos a participação que colocam sérios problemas a ideia de passividade que, por sua vez, sustenta a teoria – ainda analógica¹⁰ – do carisma incivilizado. A autora apresenta a ideia do corpo digital do rei (CESARINO, 2019, p. 533) que teria sido fundamental para a eleição após o atentado¹¹, pois estimulou os possíveis eleitores a se engajar na campanha digital produzindo o efeito oposto a desincorporação da plateia; assim, o corpo transferencial do carisma analógico é substituído pelo corpo digital, que reincorpora a plateia no agir em nome do “rei”. Essa “nova política” prescinde de qualquer virtude pública:

Se na sua versão analógica a eficácia do populismo dependia pesadamente do carisma pessoal do líder, em especial sua capacidade oratória (Cesarino, 2006), na versão digital o líder distribui o próprio mecanismo populista para seus seguidores, que passam a reproduzi-lo de modo espontâneo. (Cesarino, 2020, p. 104-105).

Aqui podemos retomar à discussão proposta por Sennett no que tange a relação entre visibilidade e invisibilidade na cidade. Se o homem da multidão se torna invisível, mesmo estando sob a mirada de milhares de olhos, na pólis desincorporada o homem se torna visível mesmo que esteja invisível de todos esses olhos. A sensação de segurança fortalece o ímpeto de se dizer “aquilo que se pensa” de discursar com paixão nas redes sociais e usar de todo tipo de estratégia – da caixa alta ao achincalhe pessoal – para “vencer” a tia, prima ou

¹⁰ Chamo de analógico os meios de comunicação anteriores ao advento da internet, sentido que foi muito usado pelos meios de comunicação na passagem da televisão do modo “analógico” para o “digital”.

¹¹ “A remoção do corpo físico do candidato do espaço público após o atentado levou à sua rápida substituição por um corpo digital formado por seus apoiadores. A eficácia eleitoral foi clara: imediatamente após a facada, o candidato saiu com grande fôlego da marca dos 20% em que vinha se mantendo até então, para a partir daí chegar progressivamente aos 56 milhões de votos que lhe garantiriam a vitória.” (Cesarino, 2019, p. 533).

conhecido. Muito diferente da impessoalidade de uma esfera pública renovada, as redes sociais se tornaram um repositório da intimidade esvaziada.

Durante a crise da COVID-19 o enfrentamento com a mídia e a luta com governadores, prefeitos e ministros, ganhou força como meio de desviar a atenção do problema real. Enquanto as suas redes produziam representações que emulavam a iconografia cristã¹², o presidente vinha a público, durante a transmissão de pronunciamento em cadeia nacional, para defender a retomada imediata das atividades e para criticar o pânico infundado que a mídia produzia com intuito de “parar o país”, nas palavras de Bolsonaro:

O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas de acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de quarenta anos de idade. Noventa por cento de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine. Devemos sim é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial, aos nosso queridos pais e avôs, respeitando as orientações do ministério da saúde. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentira ou seria, quando muito, acometido de uma “gripezinha” ou “resfriadinho”, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. (Bolsonaro, 2020b, n.p).

A bravata do presidente em meio ao discurso sério quebra a aversão ao tema por parte daqueles que se identificam com ele, cria proximidade e traz a linguagem dos gracejos da Internet para a dos atos oficiais de Brasília. A ideia é, novamente, desorientar a atenção dos telespectadores do que realmente importa que são as medidas adotadas pelo governo no combate ao novo coronavírus. Bolsonaro, inclusive, aproveitou a crise da pandemia para derrubar os dois ministros que não se alinhavam com ele e tiravam o foco de suas omissões

¹² PY, Fábio. Cristofascismo em 7 atos: como Bolsonaro usou a alegoria da páscoa para não perder popularidade. The Intercept Brasil. 2020. Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/05/01/cristofascismo-bolsonaro-pascoa/>>. Acesso em 18/05/2020.

vistas para as ações específicas de seus respectivos ministérios¹³. Tanto é que, logo após o pedido de exoneração, Moro “caiu atirando” e produziu uma crise política que deixava o presidente confortavelmente em evidência enquanto sua adversária real, a pandemia, ficava em segundo plano:

Eu sempre abri o coração para ele. Eu já duvido se ele sempre abriu o coração para mim [...] E mais: já que ele falou em algumas particularidades, mais de uma vez, o senhor Sérgio Moro falou para mim: você pode trocar o Valeixo, sim, mas em novembro, depois que o senhor me indicar para o Supremo Tribunal Federal. Me desculpa, mas não é por aí. Reconheço as suas qualidades, em chegando lá, se um dia chegar lá, pode fazer um bom trabalho. Mas eu não troco. (Bolsonaro, 2020a, n.p).

Aqui conseguimos encontrar os dois pontos da cultura da personalidade levada para a política da qual Bolsonaro faz parte: a) transformar uma acusação de crime em problema pessoal; b) atacar a idoneidade do oponente, julgando suas intenções, e declarando-se decepcionado pela “relação” que não deu certo. Bolsonaro se especializou em criar crises com o objetivo único e exclusivo de desviar as atenções das ações tomadas pelos seu corpo ministerial, os especialistas e tecnocratas, concentrando-as nas representações de intenção do presidente, dobrando a aposta a cada polêmica e se livrando dos ministros e apoiadores que desviavam a atenção pública da sua personalidade. Diante de uma crise imposta externamente, coube ao presidente continuar o mesmo modelo de política tomando decisões que agradavam a sua “maioria” enquanto esperava que os outros poderes tomassem as ações políticas reais e pagassem o preço político por elas.

Em um dos momentos mais marcantes da história destes longos meses, o presidente foi ao encontro de uma manifestação contrária ao congresso e ao

¹³ Moro já era popular antes de entrar no governo, talvez até fosse mais popular antes de entrar; Mandetta vinha se consolidando como o polo de racionalidade dentro do governo na crise do coronavírus. Ambos distraíam o público das ilusões criadas pela intimidade expositiva do presidente, concorriam com ele na constelação de estrelas.

supremo tribunal federal, clamando por um golpe diante do quartel general do exército em Brasília. Bolsonaro subiu em um dos carros de suporte a manifestação e fez o seguinte discurso:

Nós não queremos negociar nada. Nós queremos é ação pelo Brasil. O que tinha de velho ficou para trás. Nós temos um novo Brasil pela frente. Todos, sem exceção, têm que ser patriotas e acreditar e fazer a sua parte para que nós possamos colocar o Brasil no lugar de destaque que ele merece. Acabou a época da patifaria. É agora o povo no poder.¹⁴

O irônico é que nas semanas seguintes o presidente negociou com o congresso o apoio do “centrão”, suporte que lhe permitiria escapar de qualquer processo de impeachment. Foi, alguns dias depois, com empresários visitar – de surpresa! – o Supremo Tribunal Federal, e teve um cordial diálogo com o Ministro Dias Toffoli. Novamente, o jogo de cena que sustenta o discurso antissistêmico não se escora na realidade política, o que importa são as intenções do presidente diante de sua plebe e não as ações do seu governo. Por isso Bolsonaro frequentemente contradiz os seus ministros, não para que eles não tomem as decisões que precisam tomar, mas para que eles tomem assumindo a responsabilidade e o custo político sozinhos.

A ênfase indiscriminada na cloroquina¹⁵ é, dentre tantas coisas, uma estratégia para fortalecer-se enquanto o presidente se abnega a tomar as decisões que os especialistas apresentam. Bolsonaro prefere acreditar em um remédio que já apresenta sérios limites no tratamento da COVID-19 do que apostar no isolamento horizontal ou no *lockdown* como política de proteção social. A

¹⁴ A imagem do discurso de Bolsonaro em frente ao QG militar de Brasília emula uma inquietude muito particular ao nosso momento atual, estaríamos diante de um presidente que implora aos seus ex-superiores por um golpe de Estado? Pode um presidente eleito legitimar a defesa da destruição da própria constituição? Ver: Bolsonaro discursa em Brasília para manifestantes que pediam intervenção militar. G1. (2020). c.

¹⁵ A cloroquina e a hidroxicloroquina são dois fármacos (de mesmo princípio ativo) que foram testados para o tratamento da COVID-19. Bolsonaro fez da defesa do uso preventivo e contínuo do medicamento uma espécie de Bandeira política como resposta à pandemia, erigindo-a junto do isolamento vertical como contraposição àqueles que defendiam – atentos à recomendação da OMS – a reclusão do isolamento horizontal como melhor saída para a crise.

resposta da cloroquina é perfeita, porque é individualista, como toda a cultura da personalidade que Bolsonaro emula. É uma “cura” indicada pelo próprio líder e, portanto, tem um caráter messiânico. É uma negação da atividade política do Estado, pois os indivíduos poderão tomar nas suas casas – sem receita médica – e, portanto, poderão “cuidar de sua própria vida”:

Pode ser que lá na frente digam que a cloroquina foi um placebo, ou seja, não serviu pra nada né, tudo bem. Mas pode ser, daqui a dois anos, “olha realmente curava” e o Romero e eu não vamos ter na consciência “ohh nós evitamos e muitos que morreu (sic) podiam ter sido salvos” na minha consciência e do Romero não vai ter isso. E outra, toma quem quiser, quem não quiser não toma: Quem for de direita toma cloroquina quem for de esquerda toma tubaína. Se viu como eu sou educado? Quem for de direita toma cloroquina e quem for de esquerda toma tubaína! (Bolsonaro, 2020d, n.p).

Uma das últimas “pérolas” do presidente contrasta sua desinibida alegria com a morte de 1.179 pessoas. Bolsonaro usa a cura, que foi buscar diretamente do trumpismo, como forma de polarização da política nacional. Mas o mais importante no seu discurso não é aquilo que chama mais a atenção, esse é o desvio estratégico para que sua personalidade resplandeça acima do caos pandêmico, o que importa é a defesa reiterada para que os cidadãos cuidem de si próprios, que não dependam de respostas do Estado. Já podíamos ver essa tendência individualista do líder, em defesa da incivilidade, no pronunciamento do dia 25 de abril, em resposta a pergunta: é possível isolar somente a população idosa? Ele respondeu:

Oh Cara! Se tem que fazer o que você pode cara! Se quer que eu faço o que? Eu tenho o poder de pegar cada idoso lá e levar para um lugar? “Fica ae tá aqui um pessoal pra te tratar”. É a família dele que tem que cuidar dele em primeiro lugar rapaz, o povo tem que deixar de deixar tudo nas costas do poder público, aqui não é uma ditadura é uma democracia, a família em primeiro lugar, esse é o discurso que me elegeu inclusive. (Bolsonaro, 2020e, n.p)

O apelo pelo retorno à família como resposta mais acertada e “democrática” diante do vírus é a expressão acabada do dilema da inconstância – inexistência, inconsistência ou intermitência – da alma pública¹⁶ no país; aqui, a solução de retorno à família, por parte do neoliberalismo, parece apenas perpetuação da velha lógica patriarcal que sustentou a sociedade e a sociabilidade do brasileiro durante os últimos duzentos anos.

Portanto, a tirania de Jair Messias Bolsonaro não é a do Estado total, do controle generalizado, ou da imposição à força¹⁷ de uma política pública de restrição social; sua tirania é mais perfídia e particular, é a tirania da ausência suprema de qualquer interesse pelo bem comum, pela política como forma de expressão da procura deste bem no concerto polifônico de vozes da esfera pública e é, por fim, a acentuação máxima do carisma incivilizado que se nega a própria ideia de sustentar a trivialização pela ilusão de uma personalidade chegada, próxima e carinhosa.

Considerações finais

Se o ópio do povo se tornou a figura estelar do presidente e se suas ações não contam em nada para a sua avaliação como líder político, qual seria a vulnerabilidade desta nova forma de dominação? A grande fraqueza da face perversa do carisma é o seu maior poder de sedução, a sua legitimidade só pode ser questionada no campo de sua própria intimidade:

¹⁶ A ideia de que esse retorno do recalcado familiar não é, no Brasil, nem nova e, muito menos, inovadora, retirei da apresentação do “homem médio” por Mariana Miggiolaro Chaguri. Exposição que ocorreu na disciplina “Seminário de Tese e Dissertação” ministrada pela Profa. Bárbara Castro, agradeço aos colegas e à professora pelo espaço de debate frutífero que se constituiu nesta disciplina; pois, as leituras, debates e apresentações ajudaram e muito na minha imersão em uma literatura teórica e metodológica nova.

¹⁷ Este é o medo de alguns teóricos do estado de exceção, como Giorgio Agamben, é o medo de que o remédio usado para combater o vírus seja mais destruidor que o próprio. Gostaria de ver como a reflexão do italiano se aplicaria nas decisões do líder brasileiro; aqui, o extremo oposto da hiperbólica visão do filósofo expõe a escolha da omissão consciente e deliberada, diante da necessidade da intervenção biopolítica.

Assim como a política da personalidade é uma deflexão do interesse público em relação ao julgamento do caráter pessoal, em termos da ação pública efetiva, assim também todos os elementos do caráter se tornam simbólicos, sem quaisquer referente reais, de modo que qualquer brecha pode, repentinamente, se transformar num instrumento de autodestruição (Sennett, 2014, p. 458).

As falhas do indivíduo em sua esfera de vida pessoal seriam tomadas como sinais de fraqueza como um todo. Tal qual o protestante que procurava sinais da sua eleição na ascese vocacional e nas riquezas que essa proporcionava, os liderados também procuram sinais de legitimação da sua escolha acertada no líder conforme as virtudes morais do eleito. Quando este é pego em contradição, todas as suas ações são postas em suspensão. Perde-se o caráter unificador e mágico junto com o julgamento moral de sua integridade, para Sennett o puritanismo em alguma medida permanece vivo neste moralismo degenerado que sustenta o carisma.

A vigilância fascista é uma imagem que muitas vezes engana; quando o fascismo não está presente, é fácil imaginar o enfraquecimento dos controles políticos intimistas, enquanto, de fato, eles se tornam formalmente diferentes [...] Um dos usos mais antigos da palavra “tirania” no pensamento político é o sinônimo de soberania. Quando todas as questões se referem a um princípio comum ou a uma pessoa soberana, esse princípio ou essa pessoa tiraniza a vida da sociedade. Esse governo de uma multiplicidade de hábitos e de ações pela autoridade soberana de uma fonte única não precisa ser originado por coerção brutal; pode igualmente surgir por sedução, de tal modo que as pessoas queiram ser governadas por uma autoridade única que se coloque acima de todas elas (Sennett, 2014, p. 452).

O carisma incivilizado de Bolsonaro sustenta a fantasia autoritária de muitas mentes e permite que o impronunciável e o inaceitável se naturalizem; a tirania de sua intimidade é fascista, não porque ele imponha a violência física de uma ditadura, mas porque a violência simbólica da nudez de sua personalidade se

torna mortal nas omissões políticas que provoca em nome apenas de si mesma. A pandemia só reforçou a política do ressentimento de Bolsonaro, tornando mais evidente a estratégia de expansão ilimitada da sua personalidade na esfera pública e forçando-o a mostrar ao país as consequências desnaturadas de sua intimidade tirânica.

Quanto às possibilidades de uma escalada autoritária ou uma erosão das instituições tomando o caminho da esfera pública, Sennett parece permanecer apostando nos resíduos trivializadores do poder carismático, sua teoria não concebe a possibilidade de um ponto de virada no qual o carisma passa a ser caótico ou produzir crises insustentáveis à manutenção da democracia. Um pouco de Weber¹⁸ seria bom a essa leitura, se o poder do carisma pode ser antiautoritário e mesmo estar a serviço da racionalização, isso não significa que ele não possa operar em favor do caos, da desordem e da negação da ação continuada.

Referências bibliográficas

AB’SÁBER, Tales. *Lulismo, Carisma Pop e Cultura Anticrítica*. São Paulo: Hedra, 2010.

AB’SÁBER, Tales. *Michel Temer e o fascismo comum*. São Paulo: Hedra, 2018.

BOLSONARO, Jair. Bolsonaro discursa em Brasília para manifestantes que pediam intervenção militar. *G1*. (2020). Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/19/bolsonaro-discursa-em-manifestacao-em-brasilia-que-defendeu-intervencao-militar.ghtml>>. Acesso em 18/05/2020. c.

BOLSONARO, Jair. Bolsonaro diz que Brasil terá quarentena só para idosos com comorbidade. *Poder 360*. 2020. 16mins23seg. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=7k3mNafcab8>>. Acesso em 20/05/2020.e.

¹⁸ Parece-me que o autor leu economia e sociedade, mas não procurou associa-la à sua irmã gêmea “Ética Econômica das Religiões Mundiais” (2016), pois, se assim o tivesse feito, teria percebido tanto que o carisma – em Weber – pode racionalizar ou estar à favor de um fim racional quanto que possa ser “cotidianizado” de um modo que seu poder seja referendado pelo cargo e, não mais, pelas características pessoais e irracionais. Esse é o caso comentado por Wolfgang Schluchter (1999) quando trata de tentar reconstruir a análise weberiana do catolicismo, o processo de rotinização do carisma que é coroado pela infalibilidade papal – o poder de Cristo passado à Pedro – ganha o caráter de um poder hierocrático transmitido à todo sumo pontífice da Igreja Católica.

BOLSONARO, Jair. Pronunciamento do Presidente da República, Jair Bolsonaro (24/03/2020). 2020. (4m58s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE&t=1s> Acesso em 17/05/2019.b.

BOLSONARO, Jair. Tubaína ou cloroquina? A brincadeira que tiraram do contexto. Eduardo Bolsonaro (Canal). 2020. 3mins57seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dY-XWfb4f40>>. Acesso em 20/05/2020. d.

BOLSONARO, Jair. Leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro depois da saída de Moro. Transcrito por Matheus Maia e Maurício Ferro. *Poder 360*, 2020. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/leia-a-integra-do-pronunciamento-de-bolsonaro-depois-da-saida-de-moro/>> Acesso em 15/05/2020. a.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*. n.1, v.1. pp.91-120, 2020. Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleic%C3%A7%C3%A3o-sem-sair-de-casa.pdf>> Acesso em 17/05/2020.

CESARINO, Letícia. Identidade e Representação No Bolsonarismo. *Revista de Antropologia*. n.62, v.3, pp.530 -57, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/165232/158421/>.>. Acesso em 16/05/2019.

CHAGURI, Mariana M; CAVALCANTE, Sávio M; NICOLAU NETTO; Michel. O homem médio e o conservadorismo liberal no Brasil contemporâneo: o lugar da família. *Anais do 43º Encontro Anual da Anpocs*, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/41097803/O_homem_m%C3%A9dio_e_o_conservadorismo_liberal_no_Brasil_contempor%C3%A2neo_o_lugar_da_fam%C3%ADlia> Acesso em 05/06/2020.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Planalto*: (memórias). Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1968.

PY, Fábio. Cristofascismo em 7 atos: como Bolsonaro usou a alegoria da páscoa para não perder popularidade. *The Intercept Brasil*. 2020. Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/05/01/cristofascismo-bolsonaro-pascoa/>>. Acesso em 18/05/2020.

SCHLUCHTER, Wolfgang. As Origens do Racionalismo Ocidental. In: *O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Coautoria de Jessé Souza. Brasília, DF: Editora da UnB, 1999.

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público*: as tiranias da intimidade. Editora Record, 2014. E-book.

TENBRUCK, Friedrich H. The Problem of Thematic Unity in the Works of Max Weber. *The British Journal of Sociology*, vol. 31, no. 3, 1980, pp. 316–351.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. 3.ed. Brasília, DF: Editora da UnB, 1994.v.1.